

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

**Representações literárias da cidade: Walter Benjamin e a etnografia urbana**

**Beatriz Salgado Cardoso de Oliveira**  
**PUC-SP**

**Resumo:** Em face das transformações que sofreu o estudo antropológico com a nova atenção que hoje se dá às grandes metrópoles contemporâneas como objetos de estudo da disciplina, esta comunicação busca analisar, dentro da obra de Walter Benjamin, novas propostas para a etnografia urbana, com foco na relação da obra do autor com a literatura. Seria difícil a tarefa de se falar em ambientes urbanos sem passar pelas obras de Benjamin e suas sensíveis impressões sobre cidades europeias. O autor utiliza-se do que se chama aqui de operadores urbanos, meios pelos quais se é possível construir imagens da cidade ou mesmo desvendar seus imaginários. Em alguns de seus ensaios estes operadores são mais evidentes no que tange à literatura; por exemplo, em “Paris a cidade no espelho”, o autor enxerga a cidade através das obras literárias que a tomam como tema. Em “Infância berlinense por volta de 1900”, vê-se uma clara inspiração proustiana. Já nos ensaios sobre a Paris do século XIX, Baudelaire revela-se como importante operador que Benjamin convoca ao presente para depor sobre o passado parisiense. Procurar-se-á assim apontar estas influências literárias e o potencial de análise que trazem para a investigação das cidades do século XXI.

**Palavras-chave:** literatura; Walter Benjamin; etnografia urbana

### **1) Introdução**

Walter Benjamin foi desde cedo amador da literatura. Em *Infância Berlinense por volta de 1900*<sup>1</sup>, o livro aparece para o pequeno Benjamin como objeto de desejo, quando expressa seu imenso gosto pela literatura, em detrimento dos compêndios escolares, que o aprisionavam<sup>2</sup>. Sontag (1986), em seu ensaio “Sob o signo de saturno”, acentua a imagem do autor como colecionador, em especial, de livros.

A paixão pela literatura, sem dúvida alguma, refletiu-se irrefutavelmente na obra do autor e evidenciar a relação entre ambas não seria tarefa fácil nem enxuta. Muitas vezes tomado por crítico literário ou ensaísta, mais do que isso, Benjamin *apropria-se* de diversas fontes literárias para operar uma multiplicidade de questões em sua obra. Por meio da obra de

---

<sup>1</sup> A partir daqui, apenas *Infância berlinense*

<sup>2</sup> Refiro-me aos ensaios “Livros”, “Neuer deutsche Jugendfreund”, e, em especial, “A Biblioteca do Colégio” (BENJAMIN, 2011b).

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

Nikolai Leskov, discorre, por exemplo, sobre o conceito de narração e o declínio da experiência. A noção de memória involuntária de Proust é articulada com sua teoria de história e da aura. A poesia de Baudelaire é articulada em todos seus textos sobre a cidade de Paris, em especial seu grande projeto das *Passagens*. Sobretudo, a forma da obra benjaminiana é intensamente influenciada pela ideia de fragmento do romantismo alemão. A literatura também é intrinsecamente ligada à visão de Benjamin sobre as cidades europeias pelas quais passou ou viveu, como coloca em seu texto “Desempacotando minha biblioteca”, no qual a coleção literária do autor traz muitas lembranças, “das cidades nas quais achei tantas coisas: Riga. Nápoles. Munique. Danzigue. Moscou. Florença. Basiléia. Paris” (BENJAMIN, 2011a, p. 223).

Mesmo que tentador, seria impossível abarcar todas estas temáticas em uma breve comunicação. Isto posto, o presente texto tem como alvo principal a leitura benjaminiana da urbe moderna através da literatura. Tal recorte provém da temática trabalhada em minha dissertação de mestrado, “Benjamin o leitor da cidade: novas perspectivas para a etnografia urbana”<sup>3</sup> na qual argumento que a literatura apareça nestas leituras urbanas como *operador*, um meio de enxergar e escrever a cidade que se origina diretamente de obras literárias caras ao autor. Estes *operadores literários* constituiriam, por sua vez, um subgrupo de operadores aos quais chamo *operadores urbanos*, meios pelos quais o autor enxerga e escreve a cidade.

O texto de Benjamin, “Paris a cidade no espelho”, é bastante emblemático no que tange a relação da literatura com a cidade. Publicado pela primeira vez em 1928, nele Benjamin não apenas vê Paris, mas a lê, como se fosse “um grande salão de biblioteca”. Nos mapas de Paris vê-se mesmo a própria cidade, não um desenho instrutivo cujos traços guiam o forasteiro apaixonado, mas os nomes das ruas, *a cidade como texto* (BENJAMIN, 2011a, p. 184 e 186). O autor utiliza as lentes de Hugo, Leroux, Girardoux, Cocteau e seus romances que tomam como cenário Paris e seus monumentos. Mas também vê na cidade a própria literatura, “porque nela mesma atua um espírito aparentado aos livros” (BENJAMIN, 2011a, p. 185).

---

<sup>3</sup> Essa dissertação, orientada pela Profa. Dra. Mariza Furquim Werneck, tem previsão de término para 2016 e conta com o suporte da bolsa integral da CNPq.

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

Neste texto, dois autores marcam presença, e seria impossível negar-lhes sua centralidade. Baudelaire, mesmo que não seja citado diretamente, está presente por meio de seu personagem, o *flâneur*, do qual Benjamin apodera-se e até mesmo encarna em tantas de suas obras. Proust, citado ao final do texto, está presente com a concepção de memória involuntária. Em primeiro lugar, é o *flâneur* que dá o tom à caminhada literária, perdendo-se na cidade e capturando as imagens monumentais. Coloca Benjamin: “Se Girardoux tem razão e se a maior sensação de liberdade é flunar ao longo do curso de um rio, então aqui a mais completa ociosidade, e portanto a mais prazerosa liberdade, ainda conduz livro e livro adentro” (BENJAMIN, 2011a, p. 184). Por outro lado, Paris é vista como a cidade no espelho não apenas pelos espelhos de seus cafés, pelos reflexos de suas paisagens no Sena, mas pelos reflexos literários que a observação dos monumentos traz à memória do *flâneur* - ele lembra de Hugo ao passar por Notre Dame, de Leroux ao passar pela Ópera, de Cocteau, ao passar pela Torre Eiffel. Estas recordações são do tipo da memória involuntária proustiana, como aqueles espelhos que “se refletem um ao outro numa sequência imensa, um equivalente da infinita lembrança da lembrança na qual se transformou a vida de Marcel Proust sob sua própria pena” (BENJAMIN, 2011a, p. 187). As obras de Baudelaire e de Proust dão a Benjamin dois operadores literários e urbanos – o *flâneur* e a memória involuntária, dos quais Benjamin se apropria para ler as cidades europeias.

A presente comunicação pretende explorar alguns destes operadores urbanos e literários na obra de Benjamin. Em primeiro lugar, introduzo a questão da forma fragmentária dos textos benjaminianos, influenciados pelas ideias do romantismo alemão. Em segundo lugar, exploro brevemente a influência da poesia baudelaireana na obra de Benjamin e introduzo o *flâneur* como operador. Em terceiro, procuro explorar a influência da obra de Proust nas ideias de Benjamin sobre memória involuntária, tomando para análise a obra *Infância berlinense*. Finalmente, procuro apontar como estes três eixos temáticos refletem-se na literatura sobre etnografia urbana.

## **2) O fragmento**

Formalmente, muitos dos escritos benjaminianos possuem um caráter claramente fragmentário. O inacabado projeto das *Passagens*, cuja concepção original era de que fosse composto por citações e comentários, é exemplar no que tange a esta forma de

## **I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

escrita. Sobre a obra, o autor comenta: “Método deste trabalho- montagem literária. Não tenho nada a dizer, somente mostrar” (BENJAMIN, 2006). A utilização de fragmentos no construto textual não é, porém, concepção original do autor, vindo da influência do romantismo alemão, com o qual Benjamin toma maior contato quando de sua tese de doutoramento, *O conceito de obra de arte no romantismo alemão*, de 1919.

O fragmento é elemento primordial do movimento do romantismo alemão, ou “romantismo de Jena”, que data do final do século XVIII e início do XIX. Exponentes do movimento, como Friederich Schlegel (1767-1845) e Friederich von Hardenberg, mais conhecido como Novalis (1772-1801), construíram obras inteiras utilizando-se de fragmentos textuais anônimos, separados apenas por uma linha horizontal e publicados pela primeira vez na revista *Athenäum*. A utilização do fragmento por estes autores está longe de representar uma mera escolha estilística. Estudiosos do movimento, Labarthe e Nancy (2004), acreditam que a sua escrita fragmentária constitui gênero e método dos românticos de Jena, a encarnação de sua teoria, parte, na verdade, “da auto-imagem dos próprios românticos” (TORRES FILHO, 2001, p.11). O fragmento de Schlegel expressa bem esta noção: “Muitas obras dos antigos se tornaram fragmentos. Muitas obras dos modernos já o são ao surgir” (SCHLEGEL, 1997, p. 51).

Sob a influência das ideias desse movimento filosófico/literário, os fragmentos de Benjamin também representam mais do que uma escolha formal. Tanto os fragmentos de Schlegel e Novalis como os de Benjamin podem ser analisados sob a luz de três características elementares propostas por Labarthe e Nancy, a saber: a) inacabamento do fragmento; b) variedade e mistura de objetos na obra composta por fragmentos e; c) a obra fragmentária como uma unidade, pois apenas desta forma revela-se sua significação.

### **2.1) O inacabamento**

O fragmento é inacabado pois a(s) ideia(s) que expressa não concluem um pensamento, assim ele nos remete à ideia de fratura, pedaço. Porém, não é sua fratura que deve ganhar atenção, mas suas bordas, que revelam o espaço para além do fragmento, ou melhor, sua *força germinativa* (LABARTHE & NANCY, 2004). Novalis (2001) vê os fragmentos como “sementes literárias”, ideia também presente na obra benjaminiana, em especial no texto “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (BENJAMIN, 2011a). Nele, o autor caracteriza sua concepção de narração, em uma operação que a põe

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

opostamente à informação, a nova forma comunicativa que emerge com o advento da imprensa. Enquanto a informação carrega consigo todas as explicações que nutrem o leitor moderno e sedento pelo acabamento, a narração deixa um vazio e o leitor é “*livre para interpretar a história como quiser*, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação” (BENJAMIN, 2011a, p. 203, grifos meus). Utilizando como exemplo a história do rei egípcio Psammenit, narrada por Heródoto, Benjamin faz mesmo alusão à ideia de Novalis de *sementes literárias*: “Ela [a narração de Heródoto] se assemelha a essas sementes de trigo que durante milhares de anos ficaram fechadas hermeticamente nas câmaras das pirâmides e que conservam até hoje suas forças germinativas” (BENJAMIN, 2011a, p. 203-204).

Na narração de Heródoto, o rei egípcio Psammenit é tornado cativo pelo rei persa. Nesta condição, é forçado a ver sua filha como criada e seu filho a caminho da execução. A estes fatos não reagiu e permaneceu imóvel. Porém, quando vê um de seus próprios servos também em cativeiro, mostra traços de verdadeiro desespero, levando os punhos à cabeça e golpeando-a. Este comportamento inesperado de Psammenit não é explicado por Heródoto - é este tipo de vazio que se refere Benjamin, e é este tipo de vazio que deixa o fragmento em seu inacabamento. O leitor aqui não é convidado a se perguntar por que Heródoto conclui sua narração com esta fratura, mas pergunta-se por que Psammenit reagiu desta forma, em elaborações narrativas que não aconteceriam se a história fosse acompanhada de uma explicação.

## **2.2) A variedade e a mistura**

Assim como as construções textuais fragmentárias dos românticos de Jena, muitas das obras de Benjamin concentram uma grande variedade e mistura de temas e objetos. Por exemplo, em *Imagens do Pensamento* (BENJAMIN, 2011b), o autor relata suas impressões de cidades europeias em textos como *Nápoles*, *Marselha* e *San Gimignano*. Ao mesmo tempo, narra seus sonhos em *Dois Sonhos*. Fala de suas experiências gustativas em *Comer* e de suas experiências sensíveis com o haxixe em *Haxixe em Marselha*. Interessante, por exemplo, os temas abordados em um único ensaio, dividido em vinte partes, sobre suas impressões de Moscou. Um procedimento simples, no qual, a partir de uma leitura cuidadosa do texto foi estipulado a cada item numerado uma temática, resulta na miscelânea de objetos listados *tabela 1*, nos anexos.

## **I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

Em *Rua de Mão Única* (BENJAMIN, 2011b), a variedade e mistura de objetos é mais expressiva ainda. Na obra, Benjamin narra seus sonhos, por exemplo em “Sala de desjejum”, “Nº 113” e “Embaixada Mexicana”; suas impressões sobre cidades europeias em “Lembranças de viagem”; suas noções teóricas sobre a história, em “Alarme de Incêndio”; suas impressões sobre experiências infantis em “Ampliações”. Machado (2015) acredita mesmo que é com *Rua de Mão Única* que Benjamin começa um processo de experimentação do uso do fragmento:

Essa obra monumental de Benjamin teve origem, enquanto modo de escrita capaz de captar o mundo descontínuo das coisas (...) na coleção de aforismos escrita entre 1923-1926 e que apareceu em livro em 1928, Einbahnstrasse (Rua de mão única). É nessa coleção que começa a experiência da “montagem literária” (MACHADO, p. 132, 2015)

Esta noção de “mundo descontínuo das coisas”, à qual se refere Machado, pode ser atribuída à cidade moderna e a enxurrada de imagens que oferece ao passante – placas, anúncios, fisionomias, paisagens. Como será visto adiante, no tópico quinto, onde trato de recentes bibliografias sobre a etnografia urbana, esta coletânea de textos será retomada, por ser bastante representativa em relação à junção da escrita fragmentária com o caminhar do *flâneur*.

### **2.3) A unidade do conjunto**

Como apontam Labarthe e Nancy, na escrita fragmentária dos românticos de Jena, unidade e fragmentação não estão em oposição. Acredita-se aqui que para a obra benjaminiana o mesmo aconteça. Os fragmentos não são utilizados em nenhum dos casos como em uma operação matemática, que soma as unidades inacabadas para atingir um total acabado. A metáfora do *bricoleur* de Lévi-Strauss pode ser tomada aqui de empréstimo para esclarecer essa questão. O *bricoleur* é aquele que executa seu trabalho utilizando-se de materiais fragmentários já elaborados, rearranjando-os em um novo contexto, no qual ocupam um espaço diferente do contexto anterior do qual foram retirados. Assim não são somados para a formação de um objeto similar ao original e acabado em si, mas são rearranjados em um novo objeto, com novas significações (LÉVI-STRAUSS, 2011).

## **I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

Desta forma, os fragmentos não são escolhidos aleatoriamente. Rouanet (1993) e também Bolle (2015) apontam, por exemplo, como no projeto das *Passagens*, uma classificação geral da obra não seria difícil. Rouanet propõe que os fragmentos estariam rearranjados num plano descritivo dentro de certas *estratégias de análise* benjaminianas - a teoria da história, a teoria das imagens dialéticas e a teoria do fetichismo. Já Bolle demonstra como Benjamin, por meio de um sistema de formas e cores, classificava mais de mil fragmentos em 30 constelações temáticas mais amplas, dentre as quais, a título de exemplo, estão a “Antiguidade Parisiense”, a “Fisiognomia do inferno”, a “Perda da Aura”, etc (BOLLE, 2015, p. 88 e 92). Porém, esta unidade não é acaba em si, apesar de ser organizada. Os fragmentos românticos e benjaminianos são *justapostos* em um espaço livre entre descrição e teoria. Assim, por exemplo, os fragmentos de *Rua de mão única*, inacabados, não compõem um todo, mas o replicam, pelo seu próprio inacabamento.

No tópico a seguir, apresento o segundo operador literário, o *flâneur*, que advém da influência da poesia baudelairiana nos escritos de Benjamin. Este personagem, como será visto adiante, possui um olhar também fragmentado, o que acaba por relacionar os dois operadores.

### **3) O *flâneur*<sup>4</sup>**

No projeto póstumo das *Passagens* e em todos seus outros textos sobre a cidade de Paris, Benjamin remete-se constantemente à Baudelaire. Por meio deste autor, uma série de temas são trabalhados, como a boêmia, a modernidade e, principalmente, o *flâneur*. Este personagem baudelairiano é tomado por Benjamin como um de seus heróis da modernidade e é por meio do olhar e da atitude do *flâneur* que o autor escreverá não somente sobre a Paris do século XIX, mas sobre Berlim, Marselha, Moscou, e tantas outras cidades. Assim o *flâneur* constitui-se operador literário e urbano na obra benjaminiana.

Este personagem realiza um verdadeiro culto aos espaços urbanos. Em oposição ao novo ritmo agitado e frenético da grande metrópole do século XIX, caminha “levando tartarugas a passear”. Em *O pintor da vida moderna*, Baudelaire o caracteriza como

---

<sup>4</sup> Este tópico, e também o tópico quinto, expõe ideias apresentadas no *paper* “O olhar do etnógrafo urbano: *flânerie* na grande metrópole do século XXI” apresentado na ocasião do XIII seminário de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (2015) e, mais tarde, no evento Desafios da Alteridade da Universidade Federal do Paraná (2015) sob o título “Olhar a cidade: o fâneur e o etnógrafo urbano”.

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

“observador apaixonado”, como aquele que se sente em casa justamente fora dela (BAUDELAIRE, 2006, p. 857). Benjamin coloca que

Para ele, os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são a escrivaninha onde apoia o bloco de apontamentos; bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após o trabalho, observa o ambiente. (BENJAMIN, 2011c, p. 35).

O *flâneur* é aquele que se perde na cidade, porém com todos seus sentidos em alerta, assim é um fisiognomista da urbe – como Lavater<sup>5</sup>, é apto a captar a natureza dos traços fisionômicos da cidade. Pode-se atribuir à sua atitude algo de detetivesco, como o *Homem da Multidão*, de Poe (1993). Não é à toa que Benjamin faz alusões aos romances policiais de Poe quando discorre sobre este personagem. Por vezes, a própria imagem do autor é associada à do *flâneur*, por exemplo, Benjamin coloca no texto de abertura de *Infância berlinense*: “Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução” (BENJAMIN, 2011b, p. 68). Benjamin, por meio desta frase, acaba por descrever a atitude daquele que pratica a *flânerie*.

A presença deste personagem é então uma constante nos escritos benjaminianos. Mesmo quando não é citado diretamente, como acontece nas *Passagens*, está presente na obra. Isso acontece, como já mencionado, em *Infância Berlinense*, e também em *Imagens do Pensamento* (por exemplo, “Paris a cidade no espelho”) e *Rua de mão única*, obra cujos escritos levam títulos que remetem o leitor à *flânerie*. O *flâneur*, como operador literário e urbano, já foi tomado por antropólogos e etnógrafos como modo de operar a pesquisa de campo na cidade. Como será visto no tópico quinto, já houve mesmo aproximações diretas entre a figura do *flâneur* e do etnógrafo urbano, numa busca pela superação dos desafios que a metrópole contemporânea como objeto de estudo impõe ao antropólogo.

#### **4) *A la recherche des espaces perdus***

Finalmente, a última relação entre a obra de Benjamin e a literatura analisada nesta comunicação trata da notória influência da obra de Proust (2014), *Em busca do tempo*

---

<sup>5</sup> Faço referência aqui à Lavater, que estudioso que fundou a fisiognomonia, um estudo que permite conhecer caráter e personalidade de pessoas pelos seus traços fisionômicos.



**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

*perdido*. Mais do que leitor, Benjamin foi tradutor de Proust. Com Franz Hessel, publica a tradução para alemão de *À sombra das raparigas em flor* e *O caminho de Guermantes*, em 1926 e 1930, respectivamente. A tradução de *Sodoma e Gomorra* foi feita apenas por Benjamin, porém o manuscrito consta como desaparecido (KAHN, 2012, p. 61). É também marcante a aparição de Proust em *Diário de Moscou* - Benjamin lia à Asja Lacis trechos de suas traduções e constantemente tomava contato com *Em busca do tempo perdido*, leitura sempre acompanhada de sua singular gula: “[l]eio Proust no quarto, comendo muito marzipã” (BENJAMIN, 1989, p. 25), ou ainda; “[d]e volta ao quarto, deitei-me na cama, li Proust e comi alguns dos doces de nozes que havíamos comprado (...)” (BENJAMIN, 1989, p. 54).

Em sua grandiosa obra, publicada em treze tomos, Proust não escreve o que viveu, mas sua *vida lembrada*. Benjamin é fortemente influenciado por essa ideia de recordação, que toma a concepção de memória involuntária a fim de articular diversas ideias em sua obra. Rouanet (1993) acredita que o conceito de recordação ocupa um lugar central na articulação da teoria da História benjaminiana, principalmente no projeto das *Passagens*. A memória involuntária mantém também profundas ligações com o conceito de narração do autor e a perda da experiência, ideia evidenciada no texto “O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (BENJAMIN, 2011a), já mencionado aqui. Além disso, como coloca Gagnebin (2007), a memória involuntária aparece relacionada à problemática da perda da aura e, conseqüentemente à sua teoria do fetichismo.

Aqui, todavia, nos interessa primordialmente como a noção de memória involuntária é articulada nos textos benjaminianos que tomam a cidade como temática. Walter Benjamin também enxerga as cidades por meio de suas recordações: o conjunto de textos que compõe *Infância berlinense*, representa a maior experimentação desta *flânerie* pelos meandros de sua memória. Sobre a obra, Benjamin comenta em carta à Gershom Scholem, em setembro de 1932:

Quanto ao mais, espero destas recordações de infância – que você já terá percebido não tratar-se, de forma alguma, de relatos ao modo de crônicas e sim de uma outra expedição às profundezas da memória – espero que elas possam ser publicadas como livro (BENJAMIN & SCHOLEM, 1993, p. 33)

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

No mesmo ano que inicia a obra, Benjamin relata a Scholem que havia retomado sua leitura de *Em busca do tempo perdido*, da qual havia se afastado há mais de cinco anos<sup>6</sup>. Assim, quando comenta ao seu colega que as recordações de *Infância berlinense* tratam de “uma outra expedição às profundezas da memória”, certamente refere-se à noção de memória involuntária.

Alguns autores relacionam diretamente *Infância berlinense* e *Em busca do tempo perdido*. Susan Sontag acredita que a obra de Benjamin poderia intitular-se *A la Recherche des Espaces Perdus* (Em busca dos espaços perdidos), pois que se assemelha à obra proustiana, com a diferença que Benjamin rejeita qualquer esquema cronológico, procurando narrar seu passado por meio de uma *topografia* de sua memória, pois que trata essencialmente dos *locais* e *paisagens* de Berlim (SONTAG, 1986, p.89). Robert Kahn refere-se à *Infância berlinense* como “uma reescrita, uma miniatura do imenso romance de Proust” (KAHN, 2012, p. 69). Realmente há muito de Proust nesta obra de Benjamin. Por exemplo, no texto “Saraus”, Benjamin nos remete à mesma angústia e ansiedade que o narrador de *Em busca do tempo perdido* nos relata quando não podia dar o “boa noite” desejado em sua mãe:

E, se então minha mãe, mesmo que tivesse ficado em casa, viesse por um instante ao meu quarto me dizer boa-noite, sentia duplamente o presente que, nos outros dias, àquela hora, ela punha sobre o edredom: o conhecimento das horas que o dia ainda lhe reservava e as quais, confiante, levava comigo sono adentro (...) Eram essas horas que caíam secretamente, e sem que ela soubesse, nas dobras do cobertor que ajeitava para mim, e que me consolavam, nas noites em que saía, se me tocassem na figura das pontas pretas da mantilha que ela já colocara (BENJAMIN, 2011b, p. 98)

A memória involuntária como operador literário relaciona-se com o fragmento e o *flâneur*. Se tomarmos de exemplo o pequeno texto analisado na introdução, “Paris, a cidade no espelho”, é possível notar que, o *flâneur*, ao caminhar pela cidade de Paris e passar pelos seus monumentos, rememora a cada vez um diferente narrativa, como se houvesse uma espécie de ponte, um *link* em sua memória, entre os monumentos e as obras literárias. O procedimento que dá o tom à *Infância berlinense* é bastante similar: neste caso, os lugares de Berlim evocam suas lembranças remotas de infância. Por exemplo, o

---

<sup>6</sup> Em carta a Scholem, de julho de 1932, Benjamin comenta que voltara a ler Proust (BENJAMIN & SCHOLEM, 1993)

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

texto “Duas Charangas” mostra claramente como esta operação da memória voluntária cria junções entre memórias diferentes, ou seja, como uma memória traz à tona outra, e assim por diante. Lembrando de uma charanga que tocava no jardim zoológico, sua memória o remete a outra charanga, cuja música ouvia quando patinava no gelo, em um lago congelado, próximo à casa de sua avó. Por sua vez, esta segunda charanga fica na memória de Benjamin relacionada ao lago congelado: “O lago permanece vivo para mim, contudo, no *ritmo* dos pés maciços, calçados de patins” (BENJAMIN, 2011b, p. 105, grifos meus).

No tópico a seguir, procuro explorar os três operadores apresentados, o fragmento, o *flâneur* e a memória involuntária, articulando-os dentro do escopo da antropologia urbana, num intento de ponderar o potencial reflexivo que trazem à área.

### **5) OPERADORES LITERÁRIOS NA ANTROPOLOGIA URBANA**

O objeto de estudo da antropologia sofreu importantes transformações ao longo do tempo e hoje, a cidade constitui-se como importante objeto da disciplina. A antropologia urbana ganha cada vez mais espaço e relevância na produção de conhecimento nas ciências sociais (VELHO, 2009, p.1). O etnógrafo contemporâneo, por sua vez, possui novos desafios em relação aos seus colegas “clássicos” - na cidade, o Outro pode ser ele mesmo o que torna mais turvo e complexo o exercício da alteridade. A pesquisa sobre operadores urbanos na obra de Walter Benjamin vem como um anseio de auxílio à superação dos desafios do antropólogo urbano, que encontrará resistência em seu objeto de pesquisa caso simplesmente transplante as ferramentas metodológicas da antropologia “clássica” para a pesquisa na cidade.

Os estudos que realizei sobre a obra de Walter Benjamin e sua relação com a etnografia urbana revelaram-me, por meio de uma recente pesquisa bibliográfica, uma quantidade relevante de estudos antropológicos com embasamento teórico de inspiração benjaminiana. Estudos que relacionam as práticas de campo e de escrita ao *flâneur* e ao fragmento, respectivamente, são brevemente apresentados aqui. A questão da memória não é abordada na bibliografia revisada, assim procurei apontar um caminho possível de reflexão, porém ainda não aprofundado.

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

O operador literário que aparece de forma mais contundente na bibliografia analisada é o *flâneur*, estando presente tanto na literatura nacional como estrangeira. Destaco aqui três artigos que defendem a adoção de certas atitudes do *flâneur* para práticas de pesquisa de campo urbanas. O primeiro deles, de Eckert e Rocha (2003), propõe o que as autoras chamam de *Etnografia de Rua*, uma prática consiste no “deslocamento em sua própria cidade” dentro de uma perspectiva benjaminiana, ou seja, “uma preocupação com a pesquisa antropológica a partir do paradigma estético na interpretação das figurações da vida social na cidade” (ECKERT & ROCHA, 2003, p. 3).

Assim, de certa forma, as autoras propõem que o etnógrafo realize uma *flânerie* pela região estudada. Diretamente, referem-se à ideia de “perder-se” na região, porém, como já aludido em relação à *Infância berlinense*, perder-se sem perder os sentidos, deixar-se levar pelos ritmos urbanos sempre se localizando “nas conversas rápidas dos habitantes locais”, captando seus gestos e significações.

Jenks e Neves (2000), por outro lado, realizam uma reflexão das práticas etnográficas urbanas por meio da aproximação da figura do *flâneur* e do etnógrafo urbano. Segundo os autores, ambos possuem muito em comum, como por exemplo, seu ritmo de trabalho - por um lado o *flâneur* que leva tartarugas a passear pela cidade, por outro, o etnógrafo que deve ser paciente, permanecendo longos períodos em campo. Os autores ressaltam também a característica detetivesca do *flâneur*, como aludido acima em relação ao *Homem da Multidão*, que pode ser atribuída ao etnógrafo urbano, que caminha pelas ruas conduzindo sua pesquisa, observando sem ser visto.

Finalmente, o Soukup (2013), defende que o etnógrafo das sociedades as quais chama de pós-modernas deve ter o mesmo *olhar engajado* do *flâneur*, que é apto a captar o efêmero e fragmentário, característicos da urbe “pós-moderna”, cuja cultura possui fronteiras bastante turvas e práticas extremamente fragmentadas. Esta característica que o autor atribui ao olhar do *flâneur* lembra muito o trecho de Benjamin anteriormente citado: “Para ele [o *flâneur*], os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês” (BENJAMIN, 2011c, p. 35) – ou seja, este personagem se interessa pela observação da cidade, por esta razão seu olhar é *engajado*, e por isso é apto a captar o efêmero, pois que na cidade é que se sente em casa.

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

A relação entre a *flânerie* e o fragmento, mencionada nos tópicos anteriores, aparece justamente por meio desta caminhada do *flâneur*. Como Soukup coloca, a cultura contemporânea é essencialmente fragmentária, não apenas no sentido de que as sociedades complexas não revelam facilmente suas fronteiras identitárias e culturais, mas a própria estética da cidade revela uma série de discontinuidades. Os títulos dos textos que compõem *Rua de mão única* nos tornam possível a captação desta fragmentação estética. Durante sua caminhada pela cidade, o *flâneur* lê através de seus sinais, placas, anúncios, avisos. Assim passa pelo “Posto de gasolina”, pela casa “Nº 113”, por um “Canteiro de Obras”, por um local onde se faz “Trabalhos de subsolo”, por uma venda de “Artigos de papelaria”, e assim por diante. De tal modo, o olhar do *flâneur*, ao captar o efêmero e o fragmentário, constrói um discurso de qualidade similar. Soukup, e outros autores (GOTTSCHALK, 1995; BORCHARD, 1998), abraçam uma “proposta benjaminiana” não apenas na pesquisa de campo, mas também na construção escrita do trabalho etnográfico, defendendo a utilização de fragmentos no construto textual, como modo de trazer mais para perto do leitor a experiência etnográfica, ou melhor, traduzi-la de uma maneira mais fiel. O próprio artigo de Soukup aqui mencionado é apinhado de citações, excertos de seus diários de campo, trechos de música, etc.

A bibliografia levantada não apresentou nenhuma relação entre a memória involuntária, e a antropologia, todavia, creio que exista dois pontos de reflexão que os unem. Ao refletir sobre o tema da memória involuntária, dentro do escopo de *Infância berlinense*, fui remetida a questões abordadas por Strathern (2014), em seu texto “Os limites da autoantropologia”, assim, em primeiro lugar, acredito que este operador incite a reflexão sobre a questão da rememoração e da criação no processo etnográfico. Há o momento no qual as experiências e constatações do pesquisador são organizadas no intuito da construção de seu trabalho final e, por mais que o pesquisador se sirva de uma variedade de materiais coletados em campo, como entrevistas, fotos, vídeos, anotações, é inevitável que parte de seu trabalho tome como suporte um processo de *rememoração* de suas experiências, rememoração que está dentro dos limites de seu arcabouço teórico. Nesta rememoração ele *cria*, como colocam Holly e Stuchlik (1983) “quando os significados dos atores são substituídos no decorrer da análise e da explicação, o antropólogo não está explicando a realidade social como ela existe no único sentido possível do ponto de vista de seu significado; por meio de sua explicação, ele cria” (HOLLY & STUHLIK, 1983).

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

Este processo lembra muito também o trabalho do pintor da vida moderna de Baudelaire (2006), Constantin Guy, que após passar o dia vagando pelas ruas, munido de uma atitude sensível a todas as figurações da vida moderna em Paris, chega em casa e debruça-se sobre sua mesa para *rememorar* e *criar* por meio de suas aquarelas todas as paisagens e reminiscências de seu dia. Baudelaire coloca:

Agora, à hora que os outros estão dormindo, ele está curvado sobre sua mesa, lançando sobre uma folha de papel o mesmo olhar que há pouco dirigia às coisas, lutando com seu lápis, sua pena, seu pincel, lançando a água do copo até o teto, limpando a pena na camisa, apressando, violento, ativo, como se temesse que as imagens lhe escapassem, belicoso mas sozinho e debatendo-se consigo mesmo. E as coisas renascem no papel, naturais e, mais do que naturais, belas; mas do que belas, singulares e dotadas de uma vida entusiasta como a alma do autor (BAUDELAIRE, 2006, p. 859)

De tal modo, Guy não retrata as coisas que viu, mas as imagens que recorda, por isso estas são “singulares e dotadas de uma vida entusiasta, como a alma do autor”, ou seja, tem algo do próprio autor em si mesmas.

Em segundo lugar, a operação da memória involuntária em *Infância Berlinense*, remete-me à ideia de *autoantropologia* tomada para estudo por Strathern no mesmo texto. Apesar de ser evidente que Walter Benjamin não procurava realizar conscientemente um empreendimento antropológico, *Infância Berlinense* remete-se aos diversos locais de Berlim, analisados do ponto de vista do olhar infantil. Ora, Benjamin, escrevendo sobre sua própria infância, escreve também sobre sua sociedade. Desta forma, se levarmos em conta que *a)* Strathern define a autoantropologia como “aquela realizada no contexto social que a produziu”; *b)* Strathern parte da premissa de que “todo conhecimento é uma espécie de autoconhecimento” (STRATHERN, 2014, p.150); *c)* Benjamin escreve sobre sua infância, imerso no mesmo contexto social e cultural; *Infância berlinense* poderia representar um empreendimento autoantropológico, pois que, gerando conhecimento sobre si mesmo, o autor gera conhecimento também sobre sua cultura e sua sociedade, em um determinado local e um determinado tempo.

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

**6) Conclusão**

A comunicação apresentada almejou tão somente localizar e problematizar o que chamei de *operadores literários* na obra de Walter Benjamin, sendo patente o potencial e a amplitude de desenvolvimento analítico dos pontos aqui trabalhados. A profunda relação de Walter Benjamin, tanto com as cidades como com os livros, oferece ao leitor um rico material a ser trabalhado sobre ambas os temas. Parte das temáticas apontadas neste *paper*, como é o caso da leitura das cidades via a *flânerie* e, mais timidamente, o caso do uso do fragmento como construto textual, já foram apropriadas por antropólogos como novas propostas para os desafios da etnografia de sociedades complexas. Estas propostas, que intrincam a construção de conhecimento antropológico e a obra benjaminiana, estão porém, longe de evidenciarem-se como paradigmáticas. Autores como o professor Magnani (2002), criticam diretamente estes modos de processamento etnográfico, defendendo modelos de análise mais “econômicos”.

No caso da memória, a problemática ainda aparece um pouco turva, porém espero ter demonstrado como *Infância berlinense* representa uma obra que incita a reflexão sobre a criação no processo etnográfico e autoantropologia.

Diante dos inúmeros desafios que a cidade impõe como objeto de estudo ao antropólogo contemporâneo, acredito que a obra de Walter Benjamin possa contribuir de forma contundente para a reflexão sobre as práticas de pesquisa de campo e escrita etnográfica. A literatura, utilizada como *operador* na obra do autor, revela-se aqui também como “boa para pensar” as questões urbanas.

**Bibliografia**

BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna In *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 851-881

BENJAMIN, Walter. SCHOLEM, Gershom. Correspondência: 1933-1940. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BENJAMIN, Walter. Diário de Moscou. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. Passagens. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

\_\_\_\_\_. Obras escolhidas I: Ensaio sobre literatura e História da Cultura. São Paulo: Brasiliense, 2011a.

\_\_\_\_\_. Obras escolhidas II: Rua de Mão Única. São Paulo: Brasiliense, 2011b.

\_\_\_\_\_. Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 2011c.

BOLLE, Willi. A metrópole como hipertexto: a ensaística constelacional no projeto das *Passagens*, de Walter Benjamin In MACHADO, Carlos; MACHADO JR., Rubens; VEDDA, Miguel (Orgs). *Walter Benjamin: experiência histórica e imagens dialéticas*. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 85-97.

BORCHARD, Kurt. Between a hard rock and postmodernism: Opening the Hard Rock Hotel and Casino. *Journal of Contemporary Ethnography*, v. 27, n. 2, p. 242-269, 1998.

ECKERT, Cornélia; DA ROCHA, Ana Luiza Carvalho. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. *Iluminuras*, v. 4, n. 7, 2003.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Le printemps adorable a perdu son odeur. *Revista Alea*, v. 9/1, p. 64-74, 2007.

GOTTSCHALK, Simon. Ethnographic fragments in postmodern spaces. *Journal of contemporary ethnography* 24.2, p.195-228, 1995.

HOLLY, Ladislau; STUHLIK, Milan. *Actions. Norms and Representations, Foundations of Anthropology Inquiry*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

JENKS, Chris; NEVES, Tiago. A walk on the wild side: urban ethnography meets the flâneur. *Journal for Cultural Research*, v. 4.1, p. 1-17, 2000.

KAHN, Robert. Benjamin leitor de Proust. *Revista Alea*, v.14/1, p. 60-77, 2012.

LACQUE-LABARTHE, Philippe; NANCY, Jean-Luc. A exigência fragmentária. *Revista A Terceira Margem*, 2004, p. 67-94.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. São Paulo: Papirus, 2011

MACHADO, Carlos Eduardo Jordão. Walter Benjamin: “montagem literária, crítica à ideia do progresso, história e tempo messiânico In MACHADO, Carlos Eduardo Jordão; MACHADO JR., Rubens; VEDDA, Miguel (Orgs). *Walter Benjamin: experiência histórica e imagens dialéticas*. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 131-143

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.



**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

NOVALIS. Pólen. São Paulo: Iluminuras, 2001.

POE, Edgar Allan. O homem da multidão. Florianópolis: Editora Parábola, 1993.

PROUST, Marcel. No caminho de Swann In *Em busca do tempo perdido*. São Paulo: Editora Globo, 2014.

ROUANET, Sérgio Paulo. As razões do iluminismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHLEGEL, F. A dialética dos fragmentos. São Paulo: *Iluminuras*, 1997.

SONTAG, Susan. Sob o signo de Saturno. Porto Alegre: L & PM Editores, 1986.

SOUKUP, Charles. The postmodern ethnographic flaneur and the study of hyper-mediated everyday life. *Journal of Contemporary Ethnography* v. 42.2, p. 226-254, 2013.

STRATHERN, Marilyn. Os limites da autoantropologia In *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2014, p. 133-157.

TORRES FILHO, Ruben Rodrigues. Novalis: o romantismo estudioso in *Pólen*. São Paulo: Iluminuras, 2001, p. 11-27.

VELHO, Gilberto. Antropologia Urbana: Encontro de tradições e novas perspectivas. *Revista Sociologia, problemas e práticas*, n. 59, p. 11-18, 2009.

**Anexos - Tabela 1**

<b>moscou (Imagens do pensamento)</b>	
<b>Item</b>	<b>Tema abordado</b>
2	CARTOGRAFIA DA CIDADE
3	SENTIDOS - IMPRESSÕES AUDITIVAS E VISUAIS NA CIDADE
4	CRIANÇAS DA CIDADE
5	MENDICÂNCIA DA CIDADE
6	MARCAS DA CIDADE - A IDÉIA DE REMONTE
7	SOCIABILIDADE - COLETIVIDADE E VIDA PRIVADA
8	SOCIABILIDADE - A NOÇÃO DE TEMPO
9	TRANSPORTES PÚBLICOS E PRIVADOS
10	SENTIDOS - IMPRESSÕES VISUAIS SOBRE A DECORAÇÃO
11	SENTIDOS - IMPRESSÕES VISUAIS SOBRE A DECORAÇÃO
12	PODER POLÍTICO EM MOSCOU
13	VISÃO GEOGRÁFICA DO PODER POLÍTICO
14	LITERATOS
15	SENTIDOS - IMPRESSÕES VISUAIS SOBRE A MÍDIA
16	A SALA DE AULA MOSCOVITA
17	PAISAGENS DE MOSCOU
18	IGREJAS DE MOSCOU
19	LAZER E GASTRONOMIA
20	A IMAGEM DE LÊNIN